

Revolução Cubana 60 anos depois: a realidade social por detrás do discurso político

*Edu Silvestre de Albuquerque*¹

*Leandro Marcos Cavalcante da Silva*²

*Vanessa Cristiane Santos*³

Resumo

Passados 60 anos da revolução cubana, discutimos a qualidade de seus indicadores sociais nas áreas de saúde, educação e mercado de trabalho. A metodologia assenta-se na análise de dados estatísticos de organismos internacionais para Cuba e países selecionados, com o propósito de estabelecer análises comparativas. Conclui-se que os problemas enfrentados pelo regime cubano não são apenas de ordem econômica, abrangendo também dificuldades em acompanhar os níveis sociais conquistados em outros países do mundo.

Palavras-chave: Cuba; Revolução Cubana; Regime Cubano.

The cuban social reality after 60 years of Revolution

Abstract

After 60 years of the Cuban revolution, we discussed the quality of its social indicators in the areas of health, education and the labor market. The methodology is based on the analysis of statistical data of international organizations for Cuba and selected countries, with the purpose of establishing comparative analyzes. It is concluded that the problems faced by the cuban regime are not only of an economic nature, they also include difficulties in following the social levels reached in other countries of the world.

Keywords: Cuba; Cuban Revolution; Cuban regime.

La realidad social cubana tras 60 años de Revolución

Resumen

Pasados 60 años de la revolución cubana, discutimos la calidad de sus indicadores sociales en las áreas de salud, educación y mercado de trabajo. La metodología se basa en el análisis de datos estadísticos de organismos internacionales para Cuba y países seleccionados, con el propósito de establecer análisis comparativos. Se concluye que los problemas enfrentados por el régimen cubano no son sólo de orden económico, abarcando también dificultades para acompañar los niveles sociales alcanzados en otros países del mundo.

Palabras clave: Cuba; Revolución Cubana; Regime Cubano.

¹ Doutor em Geografia. Docente do Programa de Pós-Graduação e Pesquisa em Geografia (PPGe) - UFRN. Contato: edusilvestre@ufrnet.br

² Discente do curso de bacharelado em Geografia - UFRN.

³ Discente do curso de bacharelado em Geografia - UFRN.

Introdução

Passados 60 anos da Revolução Cubana, a avaliação dos sucessos e fracassos do regime cubano continua despertando acaloradas discussões políticas mundo afora. Ainda que a defesa de seus ideais represente quase consenso no meio acadêmico latino-americano, ficamos com a sensação de que é para além do mundo universitário onde os debates propriamente ditos realmente ocorrem.

A revisão da produção acadêmica sobre Cuba, na forma de artigos e livros, indica que até recentemente houve um predomínio de argumentos em torno da defesa das conquistas sociais do regime socialista cubano (OSA, 2011; CARNOY, 2009), e de responsabilização ao embargo econômico estadunidense pelos problemas econômicos enfrentados na Ilha (SILVA, 2012, BETTO, 2011). Entretanto, a realidade social local colhida da narrativa de fontes independentes e de refugiados cubanos - conforme depoimentos transcritos pela mídia - costuma ser ocultada entre os debatedores acadêmicos, que quase sempre optam por referendar os dados oficiais do governo. Daí que a razão da presente produção textual reside nessa dificuldade em encontrar artigos acadêmicos que mostrem estatísticas e depoimentos de fontes independentes.

A questão de partida envolve as dificuldades de sobrevivência de um regime socialista de vertente marxista-leninista numa economia globalizada, particularmente na obtenção de moedas fortes usadas no comércio internacional e no sistema financeiro, e que se expressa na deterioração da qualidade de vida do povo cubano tendo em vista os novos parâmetros de desenvolvimento social e econômico estabelecidos em uma economia internacional integrada e estável (GILPIN, 2004).

Os procedimentos metodológicos adotados envolveram consultas a banco de dados e a construção de séries históricas de indicadores sociais nas áreas de saúde e educação, disponíveis em sites da ONU (Organização das Nações Unidas), Banco Mundial, OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico), CIA World Factbook e CEPAL (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe).

Inicialmente, discute-se em linhas gerais o caminho trilhado desde os anos 90 até o presente pelo governo cubano para contornar o embargo econômico norte-americano e assim tentar acompanhar as mudanças internacionais. No item seguinte discute-se se o excedente econômico produzido em Cuba consegue ao menos manter certo bem estar social na Ilha; onde são analisados alguns indicadores sociais como analfabetismo e mortalidade geral, infantil e neonatal de Cuba e países selecionados. Por fim, discutimos o impacto da abertura econômica controlada adotada pelo regime cubano sobre a configuração do mercado de trabalho.

Da ortodoxia marxista-leninista ao "modelo chinês"?

Durante a Guerra Fria, os duros prejuízos comerciais e financeiros impostos à Cuba em decorrência do embargo econômico norte-americano (Lei Helms-Burton) foram parcialmente contornados pela parceria comercial oferecida pelos soviéticos, interessados em dispor de um aliado na área de influência imediata dos Estados Unidos. Vivia-se à época as tensões geopolíticas de um sistema internacional bipolar, onde a localização de Cuba na entrada do Golfo do México, projetando-se à costa dos Estados Unidos, apresentava evidente importância geoestratégica:

Já em fevereiro de 1960, Cuba havia assinado seu primeiro convênio comercial com a União Soviética, através do qual os soviéticos se comprometeram a comprar 425 mil toneladas de açúcar cubano em 1960 mais 1 milhão de toneladas anuais entre 1961 e 1965 a preços do mercado mundial e conceder 100 milhões de dólares em créditos com vencimentos de 12 anos e 2,5% de juros ao ano, que deveriam ser destinados à compra de equipamentos e assistência técnica (García, 1987, p. 232). Além disso, o petróleo soviético seria vendido a preços 30% mais baratos que o petróleo cartelizado do bloco capitalista (Noyola, 1978, p. 124). (VASCONCELOS, 2016, p. 112).

Com o colapso da União Soviética, os russos deixaram de subsidiar a compra do açúcar cubano. Na Tabela 1 podemos observar a evolução do PIB da República de Cuba na série histórica de 1988 a 2015, conforme estatísticas do próprio governo cubano. Observa-se que nos dois primeiros anos após a dissolução da União Soviética (1991 e 1992), ocorre uma queda de quase 25% no PIB de Cuba.

TABELA 1 - TAXA DE CRESCIMENTO DO PIB DE CUBA - 1988 A 2015

Ano	Bilhões US\$	% de crescimento em relação ao ano anterior
1988	27,46	
1989	27,02	-1,6
1990	28,64	6
1991	24,32	-15
1992	22,09	-9,2
1993	22,37	1,3
1994	28,45	27,2
1995	30,43	7,0
1996	25,02	-17,8
1997	25,37	1,4
1998	25,74	1,5
1999	28,36	10,2
2000	30,56	7,8
2001	31,68	3,7
2002	33,59	6
2003	35,90	6,9
2004	38,20	6,4
2005	42,64	11,6
2006	52,74	23,7
2007	58,60	11,1
2008	60,81	3,7
2009	62,08	2,1
2010	64,33	3,6
2011	68,99	7,2
2012	73,14	6
2013	77,15	5,5
2014	80,66	4,5
2015	87,13	8

Fonte: Banco Mundial/OCDE.

O déficit na balança comercial de Cuba tornou-se um problema econômico grave, saltando quase quatro vezes no período 1993-2001:

(...)para cobrir o déficit, Cuba não se beneficia mais dos generosos empréstimos automáticos de longo prazo da União Soviética, que eram feitos a juros muito baixos e jamais pagos. Agora Cuba tem de apelar para empréstimos de curto prazo de bancos estrangeiros e outras instituições financeiras, que cobram altas taxas de juros (MESA-LAGO, 2002, p. 195).

A saída de cena da União Soviética encontraria, mais tarde, substitutivo entre regimes aliados da própria região. Primeiro foi a Venezuela liderada por Hugo Chávez que passou a enviar aos países membros da Petrocaribe - uma aliança capitaneada por Caracas que reúne 17 países da América Central e entre eles Cuba

- petróleo a preços subsidiados.⁴ Em paralelo, Caracas desenvolveu uma série de acordos bilaterais com Cuba para receber em troca serviços médicos, esportivos e de segurança:

A partir de 2001, a Venezuela chavista passou a ser o parceiro econômico mais importante de Cuba no século XXI. Segundo dos dados da ONE (Oficina Nacional Estatística e Informação da República de Cuba), entre 2006 e 2011, a Venezuela ocupou em média 30% do comércio exterior cubano, alcançando 40% no máximo. Segundo estimou Carmelo Mesa-Lago, na primeira década do século, a troca de médicos por petróleo teria sustentado cerca de 21% do PIB da ilha (apud Bobes, 2011, p. 235). Em 2006, por exemplo, 28% do total das receitas de exportação da ilha foram obtidas em troca de médicos, somando 2,3 bilhões de dólares, valor maior do que a exportação de níquel, cobalto e a receita do turismo (Feinsilver, 2008, p. 13). (VASCONCELOS, 2016, p. 130).

Mas a queda do preço internacional do petróleo promovida pela Organização dos Países Exportadores de Petróleo (OPEP) e o agravamento da crise econômica venezuelana fizeram essas remessas de petróleo sofrerem brusca redução, deixando Cuba novamente em sérias dificuldades financeiras.

Outro ator que entra em cena é o Brasil, que nas gestões do Partido dos Trabalhadores financiou diversas obras de infraestrutura na Ilha, com destaque aos cerca de 1 bilhão de dólares investidos na modernização do porto de Muriel, considerado estratégico para a redução do custo logístico das exportações cubanas de açúcar. Cuba pagaria esses investimentos brasileiros, e aí está o estranho, através de receitas geradas no próprio Brasil através do Programa Mais Médicos, e cuja remuneração aos médicos cubanos era retida na maior parte pelo governo daquele país. Como essa parceria foi desfeita no final de 2018 ante a iminente mudança de orientação política do novo governo brasileiro, Cuba anunciou que não terá condições de continuar a saldar seus compromissos financeiros com o Brasil.

A própria necessidade de parcerias privilegiadas com regimes políticos alinhados e benfeitores atesta que o regime marxista-leninista cubano representa

⁴ **El País**. MEZA, Alfredo. Venezuela corta remessa de petróleo à Petrocaribe e Cuba. 28/11/2015. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2015/03/28/internacional/1427506568_128177.html> Acesso em: 29 nov. 2018.

mais um exemplo histórico da impossibilidade de aplicação do modelo de *socialismo em um só país*⁵. Ora, se a própria União Soviética com todas as suas riquezas naturais ruiu, o que esperar de uma ilha cujas possibilidades de desenvolvimento econômico autônomo são ainda menores?!

Em nenhum momento desde sua independência Cuba conseguiu se libertar da dependência dos repasses de governos estrangeiros, sendo que essa era uma das principais críticas do regime revolucionário ao governo ditatorial de Fulgencio Batista, acusado de submisso aos Estados Unidos. Mas se a economia cubana não consegue ser autosuficiente em termos nacionais, seria ao menos capaz de gerar um excedente o suficiente para produzir certo bem estar social? Essa é a reflexão no próximo item.

Educação e saúde após 60 anos de revolução

O regime socialista cubano se orgulha da cobertura universal e da qualidade dos serviços de ensino e saúde pública, obtidas mesmo apesar das oscilações de seu PIB em razão das estruturas de poder internacional. De fato, os indicadores oficiais cubanos apontam que houve uma universalização da saúde pública, crescentemente adaptada às necessidades de um país subdesenvolvido. A tabela 2 indica que a taxa de mortalidade cubana fica acima daquela de países como Brasil e Argentina. Evidente que esse indicador repercute variáveis como composição da pirâmide etária de cada país, e dados da ONU de 2012 apontam que 18,3% da população cubana tinha 60 anos ou mais de idade, sendo que para o Brasil, o Censo do IBGE de 2010 apontou um percentual de apenas 10,8% da população idosa.

⁵ A tese do *socialismo em um só país* foi desenvolvida por Nikolai Bukharin em 1925. A tese em realidade apenas traduzia o que já vinha sendo buscado desde Vladimir Lênin, e que se acentuaria a partir de Joseph Stálin: a construção do socialismo mundial a partir da experiência soviética.

TABELA 2 - TAXA DE MORTALIDADE POR MIL HABITANTES

PAÍS	2010	2017
Alemanha	11	11,7
Argentina	7,39	7,5
Brasil	6,35	6,7
Cuba	7,29	8,7
Estados Unidos	8,38	8,2
França	8,65	9,3

Fonte: CIA World Factbook.

Assim, torna-se necessário analisar comparativamente as taxas de mortalidade infantil para reunirmos mais elementos acerca da tese largamente difundida da excelência da saúde cubana. O atendimento médico familiar foi continuamente ampliado, e foram desenvolvidos programas de diagnóstico precoce de doenças congênitas, que associado a melhorias nas maternidades (como a realização do pré-natal), produziram uma taxa de mortalidade infantil de 4 óbitos por grupo de mil habitantes, conforme dados da Direção de Registros Médicos e Estatísticos de Saúde de Cuba (2017). A tabela 3 demonstra que Cuba apresenta uma taxa de mortalidade infantil duas vezes menor que a argentina e quase três vezes menor que a brasileira.

TABELA 3 - TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL POR MIL NASCIMENTOS

PAÍS	2010	2015	2017
Alemanha	3,5	3,3	3,1
Argentina	13	10,2	9,2
Brasil	16,7	14	13,2
Cuba	4,6	4,3	4,1
Estados Unidos	6,2	5,8	5,7
França	3,5	3,5	3,5

Fonte: World Development Indicators/BM.

O índice de 4 para cada mil nascidos vivos, ostentado pelo regime cubano em 2017, embora menor que o norte-americano, colocaria a Ilha na 21ª posição do mundo; algo nem tanto comemorável uma vez que essa taxa é auxiliada por uma política eugenista de abortos em massa. O site *The Real Cuba* denuncia que os

médicos cubanos são pressionados a realizar o procedimento de aborto diante da menor suspeita de má formação congênita ou de risco à saúde da mãe.⁶

A tabela 4 indica que a taxa de mortalidade neonatal cubana - aquela ocorrida nas quatro primeiras semanas após o nascimento - é equivalente a de países de medicina avançada como Alemanha e França. Essa baixa taxa de mortalidade neonatal pode ocultar exatamente a realização de abortos em massa. As políticas públicas massivas de aborto reproduzem uma visão eugenista cada vez mais difundida mundialmente, voltada a eliminar os indivíduos mais fracos, permitindo assim uma maior longevidade aos que foram selecionados para nascerem (CHESTERTON, 2019).

**TABELA 4 - TAXA DE MORTALIDADE NEONATAL
POR MIL NASCIMENTOS**

PAÍS	2010	2015	2017
Alemanha	2,3	2,3	2,2
Argentina	7,7	6,7	5,9
Brasil	11,2	9,4	8,5
Cuba	2,8	2,4	2,2
Estados Unidos	4	3,8	3,6
França	2,2	2,4	2,4

Fonte: World Development Indicators/BM.

Em 2015, a taxa de mortalidade materna em Cuba era 2,5 vezes maior que a norte-americana (39 versus 14 por 100.000 nascidos vivos), e 5,5 vezes maior que a canadense que apresentava apenas 7 óbitos por 100.000 nascidos vivos⁷. Esse indicador repercute a realidade cubana de instalações de saúde pública precárias e

⁶ **The Real Cuba.** CHRISTIE, Dr. Grazie Pozo. In Cuba the main form of 'birth control' is abortion, a sign spiritual poverty. Disponível em <<https://www.therealcuba.com/?p=1228>> Acesso em: 18 out. 2019.

⁷ **CIA World Factbook.** Disponível em <<https://www.indexmundi.com/map/?v=2223&l=pt>> Acesso em: 10 out. 2019.

de condições de higiene sanitária insatisfatórias, bem como a falta de medicamentos básicos⁸.

Na educação a revolução cubana trouxe a erradicação do analfabetismo. Segundo dados da CEPAL, em 2010 a taxa de analfabetismo em Cuba era de apenas 2,1% da população com mais de 15 anos, contra 8,6% do Brasil. Entretanto, podemos observar à partir da tabela 5 que outros países latino-americanos como Argentina e Uruguai também alcançaram uma situação de quase erradicação do analfabetismo nessa faixa etária.

**TABELA 5 - TAXA DE ANALFABETISMO
NA FAIXA DE 15 ANOS OU MAIS**

PAÍS	2014*	2017**
Argentina	n.d.	1,9%
Brasil	8,3%	7,4%
Colômbia	5,8%	5,8%
Cuba	n.d.	0,2%
Uruguai	1,5%	1,5%

Fonte: *CEPAL/**CIA.

Contudo, cabe frisar que em 1958, antes da revolução socialista, Cuba já possuía uma taxa de alfabetização considerada alta, de 76,4% da população. Então a questão real é saber se a erradicação do analfabetismo foi acompanhada de um ensino de qualidade.

Entretanto, medir a qualidade do sistema de ensino cubano é algo praticamente impossível. Os defensores da excelência do ensino cubano alegam a qualidade dos cursos de formação de médicos, que formariam profissionais qualificados em número suficiente inclusive para o envio em massa ao estrangeiro, suprindo carências locais. Os críticos do sistema cubano de ensino alegam que esses profissionais são mal formados, e que sua presença no exterior se explica

⁸ Essa realidade da rede de saúde pública cubana é retratada em fontes diversas, portanto, indicamos a título de exemplo: **El País**. FUENTE, Álvaro. Como Cuba consegue índices de países desenvolvidos na saúde? Edição de 8/02/2017. Disponível em <https://brasil.elpais.com/brasil/2017/01/12/internacional/1484236280_559243.html> Acesso em: 16 jan. 2019.

pelo baixo custo do serviço desses profissionais e por conta de convênios firmados entre Cuba e nações amigas.

O fato é que Cuba não participa de sistemas internacionais de avaliação do ensino, como o conhecido teste de PISA (*Programme for International Student Assessment*), nem possui universidades ranqueadas entre as 500 melhores do mundo.

A abertura econômica controlada e o mercado de trabalho

A revolução tecnológica e informacional trouxe mudanças particularmente radicais aos países socialistas entre as décadas de 1980 e 90. Na União Soviética e Leste Europeu, a abertura econômica foi acompanhada de uma liberalização política que levou ao fim do ciclo comunista. Mas na China, o regime comunista optou por adotar políticas econômicas de mercado, aceitando investimentos externos diretos (sobretudo dos Estados Unidos) e formando *joint ventures* de empresas chinesas com empresas estrangeiras (KISSINGER et al., 2012).

Cuba, visando contornar seu isolamento geopolítico, tem também realizado uma autocrítica a partir dessas mudanças em curso no cenário internacional, alterando, ainda que mais lentamente, o próprio curso do desenvolvimento econômico nacional para preservar seu *establishment* político.

Ainda nos anos 90, Havana aprova a Lei de Investimentos Estrangeiros, resultando na criação de cerca de 350 empresas mistas em diversos setores da economia, na abertura de zonas francas e na prestação de serviços turísticos, visando a compensar o elevado déficit comercial (SILVA, 2012).⁹ Os efeitos sobre o mercado de trabalho são evidentes, pois com a substituição da primazia da economia açucareira pelo turismo internacional, as desigualdades sociais se ampliam na Ilha (Ver tabela 6). Não que não houvesse desigualdades sociais anteriormente, mas até então um padrão de consumo diferenciado era visto quase

⁹ A partir de 1993 o governo permite a criação de "mercados livres" para regular a venda de mercadorias agropecuárias nas cidades. Mas em 1999, alegando a necessidade de redução da inflação, o controle estatal volta à cena com os Mercados Agropecuários Estatais (MAEs), onde o Estado participa com 60% do valor das vendas, a iniciativa privada com 34% e as cooperativas com 6% (SILVA, 2012).

que apenas entre a classe dirigente e alguns grupos como esportistas de alto rendimento.

Outro efeito imediato da abertura econômica controlada foi a necessidade da legalização da posse de divisas em dólares, que por sua vez também promoveu o crescimento das remessas de parentes residentes no exterior (SILVA, 2012). Os exilados cubanos já somam cerca de 10% da população, a maioria vivendo nos Estados Unidos .

TABELA 6 - GANHO SALARIAL POR OCUPAÇÃO EM CUBA - 2018

OCUPAÇÃO	PESOS	DÓLARES	REAIS*	DIFERENÇA SALARIAL (%)
Salário Médio	193	6	23,5	1.0
Salário Mínimo	100	3	11,75	0.5
Pensão Mínima	90	3	11,75	0.5
Professor (ensino fundamental e médio)	250-280	8-9	31,34-35,25	1.3-1.4
Pescadores	300	9	35,25	1.5
Cirurgião, Engenheiro, Prof. universitário	350-400	11-12	43-47	1.8-2.1
Trabalhadores (Turismo)	600-900	19-28	74,42-109,68	3.1-4.7
Cabeleireiro Autônomo	3000	93	364,28	15.5
Condutor de Cavalos	3000-4000	93-125	364,28-489,63	15.5-20.7
Taxistas com Turistas	3000-15000	100-467	391,7-1829,24	15.5-77.7
Produtor Agrícola (privado)	6000-10000	187-311	732,48-1218,19	31.1-51.8
Ajuda de parentes (exterior)	9000-30000	280-934	1096,76-3658,48	46.6-155.4
Prostitutas	12000	373	1461,04	62.2

*Cotação do dólar em 14/12/2018.

Fonte: Adaptado de Mesa-Largo, 1998 *apud* Silva, 2012.

A tabela 6 demonstra que o magistério cubano paga salários insignificantes em todos os níveis de ensino, inferior mesmo aos rendimentos do programa social de renda mínima do Brasil. Mesmo a cesta básica mensal (*a libreta*) criada nos anos 1960, que a população recebe do Estado, foi reduzida de aproximadamente 50 produtos para menos de 10 recentemente (VASCONCELOS, 2016).

A tabela acima ainda demonstra que é apenas no setor de turismo e nas atividades ligadas a este setor (como serviços de táxi e de acompanhantes) que a renda auferida pelos trabalhadores teve um crescimento mais substancial, ainda assim entendido que comparamos com os baixos padrões salariais cubanos.

Não é de estranhar, portanto, o entusiasmo gerado pelas reformas econômicas, ainda que talvez este seja maior entre a classe dirigente: "Fidel Castro chegou a falar no fim da 'era do açúcar', período histórico que associou à escravidão e ao analfabetismo" (PÉREZ-LOPEZ, 2008, p. 171). Por certo, as fazendas estatais e agroindústrias estatais não foram nenhum exemplo de liberdade para os trabalhadores cubanos, submetidos a condições análogas a do servilismo: com um patrão onipresente (o Estado), salários aviltantes, proibição do direito de greve e proibição de deixar sua localidade sem permissão do governo.

Em 2010 é reconhecido o caráter autônomo de certos serviços, com a permissão de formação de pequenas empresas e a contratação de mão de obra não familiar, abrangendo lanchonetes, mercadinhos, barbearias, cooperativas de táxi, restaurantes, pousadas e construção civil (SILVA, 2012). Novas reformas em 2011 prometem maior autonomia as empresas depois de cumpridas suas cotas de produção e impostos. Entretanto, o Estado cubano manteria o monopólio do comércio exterior.

Daybell Pañellas Alvarez (2017) destaca as transformações sociais cubanas à partir do (re)nascimento de uma cultura empreendedora na Ilha. Afirmar a socióloga que, pela primeira vez na história socialista da Ilha a classe consumidora se torna numericamente expressiva, mas fomentando um desnível social que é visto com hostilidade por muitos. Agora, não mais somente o alto escalão governamental, dirigentes de empresas do governo e atletas de alto rendimento tem direito a um consumo diferenciado, mas uma nova camada de empreendedores que avança, ainda que timidamente, para além do setor do turismo.

As reformas econômicas também trouxeram a necessidade de rediscutir os direitos de propriedade, de modo que em 2011 foi liberado o aluguel e a compra e venda de automóvel e da casa própria, bem como permitido a propriedade de uma segunda residência. Mas no geral, a *nomenklatura* cubana continua controlando a maior parte da produção da riqueza nacional, onde o planejamento da produção e a

posse direta das unidades de produção mais importantes ainda pertencem aos grupos políticos ligados ao Partido Comunista Cubano.¹⁰

Considerações finais

É difícil medir a popularidade do regime cubano na atualidade, uma vez que manifestações de oposição e mesmo pesquisas de opinião pública por institutos independentes são proibidas naquele país. De qualquer forma, é evidente que as características políticas de Cuba são típicas de um regime totalitário: sistema de partido único, controle sobre a informação (monopólio informativo sobre os veículos de mídia tradicionais e controle da internet), existência de uma gigantesca máquina de vigilância política com agentes nas universidades, repartições públicas, etc.

Os estudos acadêmicos produzidos sobre Cuba disseminam a tese de que o embargo econômico norte-americano é o culpado pelos problemas da revolução, mas nada dizem sobre o fracasso econômico da tese do *socialismo em um só país*. Aliás, nem mesmo a solidariedade internacional entre governos de esquerda logrou proporcionar a Cuba um nível de desenvolvimento econômico compatível com o resto do mundo.

E mesmo em relação aos indicadores educacionais e de saúde cubanos, o argumento de que se tratam de áreas de excelência em âmbito internacional não encontra evidências sólidas, como demonstramos. Por certo persistem desigualdades sociais gritantes no mundo, mas ao se decompor o mercado de trabalho cubano demonstra-se que estas desigualdades estão presentes dentro da própria Cuba revolucionária.

¹⁰ Conforme o site esquerdista **Vermelho.org**, o chefe da Comissão Permanente para a Implementação e Desenvolvimento das Diretrizes do Partido Comunista de Cuba (PCC), Marinho Murillo, afirmou que a empresa estatal socialista continua a base do novo modelo econômico. Conforme o dirigente cubano, as Juntas de Governo foram criadas para supervisionar o funcionamento do sistema empresarial e representar os interesses do Estado no controle do gerenciamento econômico. Disponível em: <<http://www.vermelho.org.br/noticia/319548-1>> Acesso em: 22 out. 2019.

Referências

ALVAREZ, Daybell Pañellas. **Cuba: cultura empreendedora**. In: SÁNCHEZ-GARCIA, José C.; HERNÁNDEZ-SANCHEZ, Brizeida (Orgs.). Educação, Desenvolvimento, e Inovação Social: chaves para uma melhor sociedade. Ediciones Andavira S.A., 2017.

BANCO MUNDIAL. **World Development Indicators**. Temporal Coverage: 1960-2017. Disponível em <<http://datatopics.worldbank.org/world-development-indicators/>> Acesso em: 16 jan. 2019.

BETTO, Frei. Recuerdos de Cuba: à luz dos 52 anos de Revolução. **Estudos Avançados**, 25(72), p. 217-226, 2011.

CARNOY, Martin. **A vantagem acadêmica de Cuba: por que seus alunos vão melhor na escola**. São Paulo: Ediouro, 2009.

CHESTERTON, Gilbert. **Eugenia e outras desgraças**. Rio de Janeiro: Sociedade Chesterton Brasil; Porto Alegre: Edições Hugo de São Vitor, 2019.

CEPAL. **CEPALSTAT - Bases de Datos y Publicaciones Estadísticas**. Disponível em <<http://estadisticas.cepal.org/cepalstat/Portada.html>> Acesso em: 16 jan. 2019.

CIA. **The World Factbook**. Disponível em <<https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/>> Acesso em: 16 jan. 2019.

GILPIN, Robert. **O Desafio do Capitalismo Global**. Rio de Janeiro: Record, 2004.

KISSINGER, Henry; ZACARIA, Fareed; FERGUSON, Niall; LI, David. **O século XXI pertence à China? um debate sobre a grande potência asiática**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

MESA-LAGO, Carmelo. A economia cubana no início do século XXI: Avaliação do desempenho e debate sobre o futuro. **OPINIÃO PÚBLICA**, Campinas, v. IX, nº 1, p. 190-223, 2003.

OSA, José A. de la. Um olhar para a saúde pública cubana. **ESTUDOS AVANÇADOS**, 25(72), p. 89-96, 2011.

PÉREZ-LOPEZ, Jorge F. *Tiempo de cambios: tendencias del comercio exterior cubano*. **NUEVA SOCIEDAD**, nº 216, p. 168-179, jul./ago. 2008.

SILVA, Marcos. **Cuba e a eterna Guerra Fria**. Dourados: Ed. UFGD, 2012.

VASCONCELOS, Joana Salém. Cuba e a dependência externa: passado e presente. **REBELA**, v.6, nº 1, p. 107-143, jan./abr. 2016.

Recebido em 2019-11-01.

Publicado em 2020-01-01.